

## MILÍCIA E «SANTIDADE» NO AGIOLOGIO LUSITANO DOS SANTOS, E VAROENS ILUSTRES EM VIRTUDE DO REINO DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS(1652,1657,1666,1744) DE JORGE CARDOSO E D. ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA

PAULA ALMEIDA MENDES\*

UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM

paula\_almeida@sapo.pt

**RESUMO:** Partindo dos exemplos de «santos» militares incluídos nos quatro tomos do *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas* (publicados entre 1652 e 1744), de Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa, este artigo procura chamar a atenção para a perenidade do prestígio que acompanha este modelo hagiográfico e as várias (re)atualizações de que foi sendo alvo, inscrevendo-se num contexto marcado pela tentativa de construção de uma história da «santidade» territorial do reino português, que lhe permitisse ombrear com os outros espaços católicos europeus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Santidade, Literatura Hagiográfica, Portugal, Séculos XVII-XVIII.

**ABSTRACT:** Based on the examples of military «saints» included in the four volumes of *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas* (published between 1652 and 1744), by Jorge Cardoso and D. António Caetano de Sousa, this article seeks to draw attention to the sustainability of the prestige that accompanies this hagiographic model and the various updates that it suffered, in a context marked by the attempt to construct a history of the territorial «sanctity» of portuguese kingdom, enabling it to rival with other European catholic spaces.

**KEY-WORDS:** Sainthood, Hagiographic literature, Portugal, XVII-XVIII Centuries.

1. Como uma ampla bibliografia já realçou, as posições e as reacções cristãs em relação à guerra foram, desde sempre, variadas e complexas<sup>1</sup>. Como

<sup>1</sup> Para uma panorâmica geral, veja-se MCCORMICK, R. A. e; CHRISTIANSEN, D. – *Morality of War*. In *New Catholic Encyclopedia*. Detroit/New York/San Diego/San Francisco/Cleveland/New Haven/Waterville, Maine/London/Munich: Thomson/Gale, s/d, vol. 14, p. 635-644; MINOIS, Georges – *La Chiesa e la guerra. Dalla Bibbia all'era atomica*. Bari: Edizioni Dedalo, 2003; VENTURA, Margarida Garcez – *A «Guerra Justa»: tradição, doutrina e prática nos inícios da modernidade. O caso português*. In *Homo Viator – Estudos em Homenagem a Fernando Cristóvão*. Lisboa: Edições Colibri, 2004, p. 565-586; TREBOLLE BARRERA,

\* Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Investigadora do CITCEM

sublinhou Javier Cabrero Piquero, «aunque el posicionamiento de los cristianos parece contrario a la guerra, o al menos muy dudoso, no sucede lo mismo con los judíos»<sup>2</sup>. Por outro lado, «la llegada del Mesías introduce nuevos matices a la hora de tomar partido por una o otra postura (belicista o pacifista)»<sup>3</sup>. De acordo com o mesmo autor, que retoma teses de A. Bigelmair e A. von Harnack, foi a partir da segunda metade do século II que a Igreja marcou a sua posição relativamente ao exército e à guerra, «cuando la presencia de los cristianos en el ejército comienza a ser importante, cosa que hasta ese momento no había sucedido, y para los militares convertidos al cristianismo había sido un problema compaginar su nueva fe con su vida militar que el exigía el derramamiento de sangre, sacrificios y práctica del culto imperial»<sup>4</sup>. Paralelamente a este quadro, alguns autores «antimilitaristas», como Orígenes, Tertuliano e Hipólito, vão dando, através da escrita, o seu contributo, no sentido claro de uma condenação da prática bélica<sup>5</sup>. Mas, para um enquadramento adequado da problemática da guerra, tornar-se-á fundamental realçar o contributo de Cícero, nomeadamente através das suas obras *De Officiis* e *De Republica*, na medida em que influenciaram decisivamente o contexto político-jurídico do Império Romano, sobretudo no que diz respeito à formação do conceito ou doutrina de *bellum iustum* ou *jus ad bellum* («guerra justa») <sup>6</sup>. Este conceito será, posteriormente, objecto de reflexão por parte de autores como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Francisco Suárez, Francisco de Vitória e Hugo Grócio. Segundo Antonello Calore, Hugo Grócio será, provavelmente, o autor que mais se dedicou à reelaboração do conceito e da sua doutrina, como o parece mostrar a sua obra intitulada *Jure*

Julio – *Guerra Santa y Guerra Justa en la Biblia*, e CABRERO PIQUERO, Javier – *El concepto de la guerra en el cristianismo primitivo desde los Evangelios a San Agustín*. «Revista de Historia Militar». Instituto de Historia y Cultura Militar. Año LIII, número extraordinário: «Guerra Santa, Guerra Justa» (2009), p. 13-38 e 79-111, respectivamente.

<sup>2</sup> CABRERO PIQUERO, Javier – *El concepto de la guerra en el cristianismo primitivo desde los Evangelios a San Agustín*. Art. cit., p. 79. O mesmo autor sublinha que «en el Antiguo Testamento no hay una oposición radical a la guerra, es más, en muchas ocasiones, Yahweh anima a sus fieles a emprender la guerra, e incluso llega a combatir a su lado o libra las batallas por ellos, así sucede en el *Éxodo*, cuando los egipcios atraviesan el Mar Rojo en persecución de los israelitas» (art. cit., p. 79-80).

<sup>3</sup> CABRERO PIQUERO, Javier – *El concepto de la guerra en el cristianismo primitivo desde los Evangelios a San Agustín*. Art. cit., p. 82. Sublinha o mesmo autor que «fue una postura tradicional ver en el ascenso del cristianismo como una de las causas de la debilidad del ejército romano y como consecuencia de ello su incapacidad para hacer frente a las necesidades de defensa que tenía el Imperio Romano, lo que en definitiva llevaría a su caída» (art. cit., p. 83).

<sup>4</sup> CABRERO PIQUERO, Javier – *El concepto de la guerra en el cristianismo primitivo desde los Evangelios a San Agustín*. Art. cit., p. 83.

<sup>5</sup> CABRERO PIQUERO, Javier – *El concepto de la guerra en el cristianismo primitivo desde los Evangelios a San Agustín*. Art. cit.

<sup>6</sup> CALORE, Antonello – “*Guerra giusta*” tra presente e passato. «Diritto & Storia». N°2 (2003). Disponível em < <http://www.dirittoestoria.it/tradizione2/Calore-Guerra-giusta.htm>>. [Consulta realizada em 24/08/2013].

*Belli ac Pacis* (1625)<sup>7</sup>. Tendo em conta este quadro, parece-nos que valerá a pena evocar que Erasmo dedicou também dois textos à temática irénica, a saber, o *Dulce Bellum Inexpertis* (A Guerra), publicado pela primeira vez em 1500, e a *Querella Pacis* (Queixa da Paz), que viu a luz do prelo em Basileia, em Dezembro de 1517<sup>8</sup>.

2. Como é bem sabido, ao longo dos séculos, os vários e diversos contextos culturais, históricos e religiosos ditaram a emergência de modelos de santidade distintos: de acordo com Réginald Grégoire, os santos são «lo specchio dell'uomo»<sup>9</sup> e, nesse sentido, constituem um reflexo do ambiente em que se inseriram. No entanto, é importante notar que o seu (alto) exemplo é proposto para admiração e imitação aos vindouros, assinalando, assim, a vitalidade que enforma este processo.

Como sublinhou Francesco Scorza Barcellona, na Antiguidade tardia, foram venerados como santos figuras que poderíamos inscrever em determinadas tipologias: homens e mulheres mártires e leigos (alguns até muito jovens), ascetas, monges, bispos, virgens consagradas e viúvas, que não só foram apresentados e propostos como exemplos de virtude cristã, como também as fontes que deles conservaram a memória, como as *Passionae* e as *Vitae*, juntamente com os relatos relativos a personagens exemplares do Antigo e do Novo Testamento e da literatura apócrifa, constituíram os modelos literários para a posterior produção de textos pertencentes a diversas tipologias<sup>10</sup>. Entre o elenco de personagens propostas, através de uma ampla literatura, como modelos dignos de admiração e de imitação, desde o cristianismo primitivo, contam-se alguns santos militares ou guerreiros, cujo exemplo assumiu um papel fundamental na difusão e no triunfo desta nova religião. Como já realçou Hippolyte Delehaye, o número de santos, sobretudo pertencentes à Igreja Grega, que desempenharam funções

<sup>7</sup> CALORE, Antonello – “*Guerra giusta*” tra presente e passato. «Diritto & Storia». Nº2 (2003). Disponível em < <http://www.dirittoestoria.it/tradizione2/Calore-Guerra-giusta.htm>>. [Consulta realizada em 24/08/2013].

<sup>8</sup> Veja-se, a propósito, ROTERDÃO, Erasmo de - *A Guerra e a Queixa da Paz*. Introdução, tradução do latim e notas de PINTO, A. Guimaraes. Lisboa: Edições 70, 1999. Todavia, importa sublinhar que, também em outros textos que não se centram na temática da guerra, Erasmo adota uma posição irénica, como na obra *Viuda Christiana* (Basileae: in Officina Frobeniana, 1529), dedicada a Maria, rainha de Hungria e Boémia e irmã do imperador Carlos V: «En el innumerable y variado cortejo de males que por todos lados constriñe y asedia la vida de los mortales, María, singular decoro de las heroicas hembras, que empuñaron cetro, siempre pensé que no exista otro mal, ni más grave ni más pernicioso, que la guerra, la cual también es más detestable porque, por regla general, nace del hombre y va contra el hombre» (cf. ROTERDÃO, Erasmo de - *La viuda cristiana*. In *Obras Escogidas*. Tradução de RIBER, Lorenzo. Madrid: Aguilar, 1964, p. 349).

<sup>9</sup> GRÉGOIRE, Réginald – *Manuale di Agiologia. Introduzione alla letteratura agiografica*. 2ª edição. Fabriano: Monastero San Silvestre Abate, 1996, p. 10.

<sup>10</sup> BARCELLONA, Francesco Scorza – *Le origini*. In *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 2005, p. 62-63.

militares, é relativamente considerável, como o demonstra uma ampla literatura e várias representações iconográficas<sup>11</sup>. No Império Romano, as perseguições aos cristãos, iniciadas por Diocleciano e continuadas pelos imperadores seguintes, forneceram um contexto real para que a literatura hagiográfica que tinha como protagonistas os militares ou guerreiros conhecesse um significativo cultivo e difusão. Entre os tópicos que, em regra geral, constituem o travejamento que estrutura estes textos hagiográficos contam-se os seguintes: um soldado das legiões romanas converte-se ao cristianismo e recusa-se a participar nos rituais ligados ao culto imperial, ou recusa-se a obedecer a ordens consideradas injustas ou a pegar em armas em período de tréguas; o militar cristão é submetido a várias torturas e punições, recusa abjurar a sua fé e acaba por ser martirizado. As perseguições de que os cristãos foram alvo, no Império Romano, antes da conversão de Constantino, conduziram a uma generalização de epítetos como *miles Christi* e *athleta Christi*, reflectindo, deste modo, a conciliação de duas dimensões aparentemente opostas: por um lado, o cristianismo, como religião da paz e do amor<sup>12</sup>, e a milícia, enquanto instituição ligada à prática da guerra. Segundo Hippolyte Delehaye, «on distingue, en effet, dans le groupe des saints appartenant à la milice, une sorte d'état-major, choisi parmi les plus populaires d'entre eux: ce sont les saints militaires par excellence. (...) S. Georges (...) apparaîtra ici comme le chef de cette troupe d'élite formée par les deux Théodore, Démétrius et Procope»<sup>13</sup>. A propósito dos santos militares, o mesmo autor considera que os textos que relatam os seus grandes feitos bélicos e o seu martírio distinguem-se dos seus congéneres, na medida em que apresentam uma certa uniformidade na trama narrativa, o que se traduz numa certa estilização hagiográfica<sup>14</sup>.

A figura e o culto de São Jorge conhecerão um desenvolvimento fulgurante durante a Idade Média, sobretudo no contexto das cruzadas, que se converteram no arquétipo de «guerra santa» contra os Infieis<sup>15</sup>. Mas as conjunturas adversas,

<sup>11</sup> DELEHAYE, Hippolyte – *Les légendes grecques des saints militaires*. Paris: Librairie Alphonse Picard et Fils, 1909, p. 1. Na Igreja Ortodoxa, alguns dos santos militares representados com indumentária de combate (armadura, armas, etc.) são São Jorge, São Demétrio de Tessalónica, São Teodoro, o General, e São Teodoro, o Recruta. Para as suas representações iconográficas, veja-se RÉAU, Louis – *Iconographie de l'Art Chrétien*. Paris: PUF, 1958, tome III.

<sup>12</sup> Repare-se, no entanto, como São Paulo utiliza, na passagem que adiante transcrevemos, várias metáforas bélicas: «Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do Demónio... Portanto tomai a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e ficar de pé depois de ter vencido em tudo. Estai, pois, firmes, tendo os vossos rins cingidos com a verdade, vestindo a couraça da justiça, tendo os pés calçados, prontos para ir anunciar o Evangelho da Paz; sobretudo tomai o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o elmo da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus» (Ef, 6, 11-17).

<sup>13</sup> DELEHAYE, Hippolyte – *Les légendes grecques des saints militaires*. Ob. cit, p. 2.

<sup>14</sup> DELEHAYE, Hippolyte – *Les légendes grecques des saints militaires*. Ob. cit, p. 6.

<sup>15</sup> GARCÍA-PELAYO, Manuel – *El Reino de Dios, Arquetipo Politico*. Madrid: Revista de Occidente, 1959,

sobretudo políticas e económicas, que a Europa atravessou ao longo da Baixa Idade Média, favoreceram a emergência de novos santos ligados à milícia: de entre este conjunto, o exemplo mais conhecido será talvez o de Joana d'Arc, que constitui, com efeito, uma novidade, devido ao facto de esta ser do género feminino, o que não era comum entre os santos pertencentes a esta tipologia.

No Renascimento, a redescoberta dos textos e dos ideais heróicos da Antiguidade clássica, potenciada pelos círculos humanistas da época<sup>16</sup>, fomentou a emergência de um novo modelo de «cavaleiro cristão», divulgado através de obras como o *Enchiridion militis christiani* (primeira edição de 1503), de Erasmo de Roterdão. Por sua vez, Pedro Sainz Rodríguez, na sua clássica obra *Introduccion a la historia de la literatura mística en España*<sup>17</sup>, chamou, precisamente, a atenção para a estreita relação entre ascetismo e ideal cavaleiresco – ainda muito presente na mentalidade ibérica, devido ao processo da Reconquista cristã – e o itinerário rumo à perfeição desenvolvido por Santo Inácio de Loyola<sup>18</sup>. Deste modo, este autor atribui o surgimento, em Espanha, de um modelo de varão ou cavaleiro cristão, guerreiro e cortês, à existência de um quadro religioso e espiritual, influenciado pelas correntes neoplatónicas e pelo ideal cavaleiresco<sup>19</sup>. No

---

p. 168-169: «Las constantes apelaciones a la tregua y a la paz de Dios serían pruebas, si no hubiera otras, de que los cristianos se hacían la guerra. Pero las guerras cristianas – como toda guerra llevada a cabo entre los pertenecientes a un mismo círculo cultural – tenían muy distinta naturaleza de las llevadas a cabo contra los paganos. Puesto que la cristiandad era concebida como una unidad sustancial, sus guerras eran calificadas de guerras intestinas, de *bella socialia*, de forma que sólo la guerra contra el pagano era auténtica guerra, pues sólo ella estaba a favor y no en contra de la misión histórica de la cristiandad. Puesto que lo constitutivo de la sociedad dada por Dios al género humano como el mayor de los bienes, es patente que la guerra entre los pueblos cristianos tenía que ser obra del diablo (*diabolica fraus*), mientras que la guerra contra los infieles era la guerra de Dios, pues era, allí donde se hacía imposible la misión, la única manera de propagar su reino». Sobre o mesmo assunto, cf. também p. 170-179.

<sup>16</sup> Ángel Gómez Moreno defende que «la extraordinaria difusión de los clásicos greco-latinos, con sus ideas e mitos, encajaba a las mil maravillas en semejante panorama, en que, por ejemplo, la figura de Hércules (el guerreiro y orador por excelencia) lograba captar el interés desde perspectivas distintas y a menudo enfrentadas» (GÓMEZ MORENO, Ángel – *La 'militia' clásica y la caballería medieval: las lecturas de 're militari' entre Medioevo y Renacimiento*. «Euphrosyne». Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nova série, XXIII (1995), p. 83-97, esp. p. 88-89. Do mesmo autor, veja-se também: *Autores patrios, antiguos y modernos. In España y la Italia de los Humanistas. Primeros ecos*. Madrid: Editorial Gredos, 1994, p. 146-148.

<sup>17</sup> Madrid: Editorial Voluntad, 1927.

<sup>18</sup> SAINZ RODRÍGUEZ, Pedro – *Introduccion a la historia de la literatura mística en España*. Ob. cit., p. 195. Veja-se também os estudos reunidos em *Cavalaria espiritual e conquista do mundo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986. Valerá a pena lembrar que, como resposta às críticas e reservas de que os livros de cavalaria vinham sendo objecto, por parte de moralistas e de teólogos, e do tolerante controlo de que estes eram alvo por parte da Inquisição e da legislação civil, surge, no século XVI, um novo e «extravagante» género ficcional, os *libros de caballerías a lo divino*, que, segundo Menéndez Pelayo, se materializou num conjunto de obras morais e ascéticas sob uma moldura alegórica, cujo exemplo mais conhecido será talvez o do *Libro de caballería celestial* (1554), de Jerónimo de San Pedro. Cf. MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino – *Orígenes de la Novela*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1961, tomo I, p. 447-452.

<sup>19</sup> SAINZ RODRÍGUEZ, Pedro – *Introduccion a la historia de la literatura mística en España*. Ob. cit., p. 195.

*Agiológico Lusitano*, encontramos, por exemplo, o sugestivo caso de Fr. António de Cristo, O.F.M. (†1636), religioso no mosteiro de São Francisco de Alenquer, que ilustra uma profunda relação entre ascetismo e ideal de cavalaria. Sobre este franciscano, conta-nos Jorge Cardoso que, durante dezassete anos,

*teue por cama no verão hũa taboa, & no inuerno hũa cortiça, com que se achaua abrigado, vzando sempre de Cruz por cabeceira. Tomaua todas noites hũa larga, & seuera disciplina, já de cordas cheias de nós, já de cadeas de ferro, já de rosetas de vidro, com que se esgotaua de sangue. Vestia todos os dias hum cilicio ao carão da carne, tecido de arames, & tinha tanta variedade delles, que era hum medo, cada qual mais áspero, & penetratiuo. E perguntandose-lhe hum dia: Para que erão tantos. Respondeo: Para sair com elles nas maiores Festas; pois estas erão as suas mais prezadas gallas. E assi nas vigílias de grandes solemnidades, cingia hum Rosario de contas ameloadas, com viuas quinas, & sobre ellas hũa cinta de ferro, para as chegar, & apertar ao corpo. E não contente cõ isto hũa jaqueta de meias mangas, & calçoens, tudo de áspero cilicio, mortificando tambem as curuas das pernas, & canas dos braços, cõ braceletes, & ligas de pontas de ferro<sup>20</sup>,*

afirmando que desta forma «*se armaua caualheiro para conquistar o Ceo*»<sup>21</sup>.

No domínio mais estritamente hagiográfico, verificamos também a utilização de vocabulário ligado à milícia, mais concretamente do epíteto «soldados de Cristo», no título da obra *Historia de los dos soldados de Christo, Barlaan, Y Yosafat*<sup>22</sup>, traduzida do grego por Juan de Arce Solorzeno, a partir do original de São João Damasceno.

3. O projecto de construção de uma história da «santidade nacional» portuguesa, no conhecido contexto europeu do século XVII, já estudado por Bruno Neveu<sup>23</sup>, iniciado por autores como o P<sup>re</sup> Álvaro Lobo (S.J.)<sup>24</sup>, será retomado com maior força e expressão por Jorge Cardoso, no seu monumental *Agiológico Lusitano*, cujos três primeiros volumes, da sua responsabilidade, foram

<sup>20</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1666, tomo III, p. 474. Edição fac-similada de FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Porto: FLUP, 2002.

<sup>21</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiológico Lusitano*. Ed. cit., tomo III, p. 474.

<sup>22</sup> Madrid: en la Emprenta Real, 1608.

<sup>23</sup> NEVEU, Bruno - *Erudition et religion aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Paris: Albin Michel, 1994, sobretudo o capitulo *L'Érudition Ecclésiastique*, p. 334-363.

<sup>24</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *O Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso (†1669): hagiografia, memória, história e devoção na Época Moderna em Portugal*. In *Europa Sacra. Raccolte agiografiche e identità politiche in Europa tra Medioevo ed Età Moderna*. A cura di GAJANO, Sofia Boesch; MICHELTI, Raimondo. Roma, Carocci Editore, 2002, p. 227-240.

impressos em 1652, 1657 e 1666<sup>25</sup>, e que foi reeditado e estudado por Maria de Lurdes Correia Fernandes. Esta era, efectivamente, a empresa que já tinha em mente quando, pelos anos vinte do século XVII, materializou o seu *Officio Menor dos Santos de Portugal* (1629)<sup>26</sup>, tendo como objectivo dar a conhecer e fomentar a devoção dos «Santos deste Reino», incluindo aqueles que, ainda em vida, «forão conhecidos e venerados por insignes em sanctidade»<sup>27</sup>.

No caso português, como já foi acentuado por Maria de Lurdes Correia Fernandes em diferentes trabalhos sobre o *Agiológico Lusitano* de Jorge Cardoso, assistiu-se ao que a autora designa por crescente valorização dos «santos de Portugal e suas conquistas», não só religiosos ou eclesiásticos, como também seculares, o que mostra uma profunda conexão entre a santidade e a história e a identidade do reino português, que autores como Henrik Fros<sup>28</sup> já designaram como uma espécie de «santidade territorial» e que pode funcionar não apenas para o contexto do Portugal «europeu», no sentido da relação com Espanha, no quadro das guerras da Restauração, travadas depois de 1640, mas também no exaltar de «exemplaridades» no Oriente ou no Brasil, como já realçou Zulmira C. Santos<sup>29</sup>. No caso português, a união entre a identidade política e a identidade católica acentuou-se com o tópico, sobretudo na sermonária da Restauração<sup>30</sup>, mas também recorrente em alguma da literatura portuguesa do século XVII, do carácter providencial da nação portuguesa, na medida em que esta fora, desde sempre, e sobretudo desde Ourique, distinguida por dons e sinais divinos de eleição.

<sup>25</sup> Veja-se, a propósito: FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *História, santidade e identidade. O Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso e o seu contexto*. «Via Spiritus». Porto: CIUHE. Vol. 3 (1996), p. 25-68; IDEM - *O Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*, ob. cit.; IDEM - *O Agiológico Lusitano: encontros e compromissos da literatura hagiográfica e da história religiosa*. In *Agiológico Lusitano. Estudo e índices* de FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Porto: FLUP, 2002, tomo V, p. 7-38; AFONSO, Carlos Alberto - *No tempo em que todos eram santos. Estudo sobre o "Martirologio Nacional Português": o Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. Universidade do Minho, 1988. Trabalho de síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, policopiado.

<sup>26</sup> Lisboa, por Pedro Craesbeeck.

<sup>27</sup> Como sublinhou FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, «ainda que se tivesse apenas ocupado, neste *Officio Menor* (...), dos santos canonizados, beatificados ou de culto imemorial, Jorge Cardoso lamentou que Portugal não se tivesse empenhado com «mais devoção, solicitude e diligencia» na canonização daquelas figuras que aguardavam, desde há muito, o reconhecimento oficial da Santa Sé, referindo, mais concretamente, os casos do infante D. Fernando, a princesa D. Joana, o beato Fr. Bernardo, o beato Tadeu, São Gonçalo de Lagos, Espinela de Arouca, Fr. Pedro, porteiro do mosteiro de São Domingos de Évora, e D. Fr. Bartolomeu dos Mártires» (cf. *O Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*, ob. cit., p. 229).

<sup>28</sup> FROS, Henrik - *Culte des saints et sentiment national. Quelques aspects du problème*. «Analecta Bollandi-ana». Tome 100 (1982), p. 729-735.

<sup>29</sup> SANTOS, Zulmira C. - *A literatura "hagiográfica" no Brasil do tempo do P.<sup>e</sup> António Vieira: da Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo (1663) às biografias devotas de Simão de Vasconcellos*. «Românica». Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Vol. 17 (2008), p. 151-166.

<sup>30</sup> MARQUES, João Francisco - *A parenética portuguesa e a Restauração*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989, 2 vols.

Assim, como já sublinhou Maria de Lurdes Correia Fernandes, Jorge Cardoso pretendeu elaborar um vasto hagiológico, resgatando do esquecimento «Vidas» de santos, beatos, veneráveis e varões e mulheres «ilustres em virtude», provando que Portugal que, como sabemos, quase não tinha santos canonizados<sup>31</sup>, era uma «pátria de santos». Ainda que estas questões estejam já estudadas, como afirmámos, valerá a pena lembrar que, como acentuou Carlos Alberto Afonso, Jorge Cardoso utilizou cinco critérios de «patrialidade», de modo a engrossar o número de «santos» portugueses, a saber: o nascimento; a dignidade (como o «benefício eclesiástico» ou o ofício político); a habitação; a morte; e a posse de relíquias<sup>32</sup>.

Haverá que concluir, com Maria de Lurdes Correia Fernandes, que esta espécie de «história da santidade em Portugal» completaria, sobretudo, a história política e institucional do reino que «parecia adquirir maior urgência devido ao estado de esquecimento em que, segundo quase todos os autores, permanecia, fazendo com que o silêncio historiográfico significasse, particularmente para os estrangeiros, não existência»<sup>33</sup>.

No monumental *Agiológico Lusitano*, Jorge Cardoso e, posteriormente, D. António Caetano de Sousa não deixaram de incluir, à semelhança dos autores de outras compilações congêneres, como a *Legenda Aurea* ou os vários *Flos Sanctorum*, exemplos de santos e de varões «ilustres em virtude» militares ou guerreiros antigos, medievais e modernos, reflectindo, deste modo, não apenas o reconhecimento desta tipologia de santidade, como também o prestígio que Portugal poderia alcançar, no concerto das nações europeias católicas, se ostentasse um grande número de «santos», que lhe permitisse ombrear com aquelas. Deste modo, passaremos a apresentar os casos analisados, tentando chamar a atenção para os aspectos da vida temporal ou espiritual dos biografados que Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa realçaram e valorizaram.

<sup>31</sup> Com excepção dos santos da Antiga Lusitânia e da Galiza Bracarense, considerados de culto imemorial, os únicos santos portugueses canonizados, até ao final do século XVII, eram São Teotónio, Santo António, Santa Isabel de Aragão e São João de Deus.

<sup>32</sup> AFONSO, Carlos Alberto – *No tempo em que todos eram santos. Estudo sobre o “Martirólogo Nacional Português”*: o *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso. Ob. cit., p. 43-46. Segundo o mesmo autor, «este imaginário da patrialidade dos santos forjado por Cardoso é, por outro lado, uma condição *sine qua non* que permitiu engrossar o número de santos e varões do nosso martirólogo nacional, apresentando a dimensão do *Agiologio Lusitano* como a prova de ser Portugal, uma pátria de santos: se, por um lado, a inserção sistemática de personagens e a multiplicação dos santos ao longo de um tempo mais antigo que o próprio reino português depende da reivindicação do direito a um espaço-tempo histórico ancestral, contudo este objectivo só se completa alargando-se, por outro lado, o leque de princípios que regem a pertença do santo à pátria ou aos seus lugares, qualquer que seja o período histórico em que vivem» (cf. ob. cit., p. 46).

<sup>33</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *História, santidade e identidade*. Art. cit., p. 38.

### 3.1. «Santos» antigos

O número de «santos» antigos incluídos nos quatro tomos do *Agiológico Lusitano* é muito escasso, certamente devido à escassez de fontes fidedignas que pudessem sustentar a veracidade e o rigor do relato de Jorge Cardoso e de D. António Caetano de Sousa.

O primeiro caso que encontramos é o do Imperador Teodósio (†395)<sup>34</sup>, que é incluído neste catálogo de «santos» portugueses devido ao facto de ter nascido em Coca, situada na antiga província da Galiza Bracarense. Jorge Cardoso justifica a sua inclusão nesta compilação devido ao facto de este imperador ter sido «um benemérito da Igreja Romana, claro espelho de Catholicos Principes, vigilante destruidor de idolatras, acerrimo perseguidor de hereges, pio restaurador dos sagrados templos, restituidor cuidadoso da paz, i em summa, terror grãde de Sarmatas, Hunos, & Godos, poucos Settentrionaes»<sup>35</sup>, realçando, assim, a sua faceta de «perfeito príncipe» cristão e defensor da fé católica. Segundo Jorge Cardoso, os «gloriosos, & preclaros triumphos» do imperador Teodósio foram profetizados pelos «sanctos Anachoretas do Egypto», «aos quaes consultaua primeiro, que entrasse nas batalhas»<sup>36</sup>, revelando, deste modo, o recurso a um dos muitos topoi utilizados pelo discurso hagiográfico, a saber, a profecia. A preparação para as batalhas assumia contornos que podemos considerar de raiz monástica, na medida em que envolviam jejuns, orações, invocação do auxílio divino e até mesmo peregrinações, «visitando os sagrados lugares de Hyerusalem, como fez antes de trauar batalha com o impio Eugenio, cujo copioso exercito (com outro muito menor em numero, confiado na protecção diuina) venceo, & desbaratou; assegurando-lhe a noite antes os sanctos Apostolos João, & Felipe a milagrosa victoria; em reconhecimento da qual bateo moeda d'ouro com medalhas dos Sanctos nella sculpidas»<sup>37</sup>, enquadrando, assim, a sua prática guerreira em uma moldura de matriz devota e cristã, em tudo oposta à dos «hereges» e «idólatras» que combatia. O papel de Teodósio enquanto propagador da fé cristã é também valorizado por Jorge Cardoso, nomeadamente a sua acção interventiva na convocação de concílios, «nos quaes as heregias de Arrio, & Macedonio se condenarão, & castigarão a muitos hereges Apollinarios,

<sup>34</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Lisboa: na Officina Craesbeckiana, 1652, tomo I, p. 167-168. Edição fac-similada de FER-NANDES, Maria de Lurdes Correia. Porto: FLUP, 2002.

<sup>35</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 167.

<sup>36</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 167.

<sup>37</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 167.

& Manicheos»<sup>38</sup>, assim como a sua «religiosa piedade», demonstrada quando Santo Ambrósio, por meio do Édito de Tessalónica, lhe negou a entrada no templo<sup>39</sup>. Atendendo a estas «heroicas acções», o autor não se esquece de comparar o imperador a outras importantes figuras veterotestamentárias, na medida em que «na fê, & obediência» foi «semelhante ao Patriarcha Abraham, a Daud na penitencia, & mansuetude, & a Noè na propagação, & felicidade de descendentes»<sup>40</sup>.

O maior número de casos de «santos» militares antigos incluídos no *Agiológico Lusitano* inscrevem-se na tipologia dos mártires. Os exemplos apresentados dizem respeito a mártires que viveram na antiga Lusitânia ou na Galiza Bracarense ou cujas relíquias foram transladadas para o território português. Começamos pelo caso do mártir São Vítor († século I)<sup>41</sup>, natural de Paços, aldeia situada nos arrabaldes de Braga, cidade onde padeceria o martírio, sob as perseguições do imperador Nero aos cristãos. Vítor foi convertido ao cristianismo pelo capitão Vítor Photino, filho da samaritana do poço de Sicar, a quem Cristo trouxe à nova religião<sup>42</sup>, e serviu valerosamente nas campanhas militares de Nero, tendo sido premiado com o cargo de «Adiátado de Italica (hoje Seuilha a velha)»<sup>43</sup>, onde, «rebelados certos poucos nos contornos de Braga, os sujeitou ao Romano Imperio», procurando, contudo, «com dissimulação render ao de Christo algûs Gentios»<sup>44</sup>, aproximando-se, assim, do exemplo de vários outros santos mártires da mesma época. De facto, a estrutura narrativa desta «Vida» de São Vítor incluída no *Agiológico* obedece ao modelo que, como já realçou Hippolyte Delehaye, encontramos mais frequentemente nas hagiografias de mártires dos primeiros séculos do cristianismo, evidenciando uma certa estilização do relato: neste caso concreto, Vítor, o protagonista, recusa-se a participar nas festividades em honra de Silvano e Ceres, deuses romanos dos bosques e das searas, a quem «os gentios» ofereciam sacrifícios, e a colocar na sua cabeça coroas e grinaldas

<sup>38</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 167.

<sup>39</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 167.

<sup>40</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 167.

<sup>41</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Lisboa: na Oficina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, tomo II, p. 521-523. Edição fac-similada de FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Porto: FLUP, 2002. Segundo Jorge Cardoso, é opinião comum que São Vítor era irmão da mártir Santa Susana (cf. ed. cit., p. 528-com. a).

<sup>42</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 521.

<sup>43</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 522.

<sup>44</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 522.

de flores «profanadas nas gentílicas aras», sendo levado à presença de Sérgio, governador de Braga, que, perante a sua obstinação em não cumprir as leis romanas, «o fez despir nù, & attado a hũa aruore, açoutar cruelmente por robustos algozes, confessando em altas vozes a lei, que ja tinha no coração, mostrandose cada vez mais firme, & roborado na virtude da constancia»<sup>45</sup>, a que se seguiram outros tormentos que lhe foram despadaçando o corpo, tais como «ardentes laminas, & pranchas encendidas de ferro, & (...) pentes, & vnhas do mesmo», que culminaram com a sua decapitação<sup>46</sup>. O seu corpo seria resgatado, à noite, após o final das festividades, pelos cristãos, que o «sepultarão em parte occulta, mas próxima ao lugar do certame, onde se lhe erigio depois Igreja em sua honra, & veneração, que veio pelo tempo adiante a ser opulento Priorado da Ordem de S. Bento»<sup>47</sup>.

O relato sobre os mártires São Vítor, soldado das legiões romanas, e seus irmãos, Stercacio e Antinogenes (†séc. IV), apresenta também uma estrutura narrativa que Hippolyte Delehay considerou paradigmática do modelo martirológico antigo: Daciano, governador de Mérida, descobre que os três protagonistas eram cristãos e prende-os, seguindo-se um diálogo entre o tirano e Vítor:

*Nós somos nascidos nesta Cidade, daqueles que souberam seguir vida nas nobres Milicias Romanas, que eu tambem sigo, alistado debaixo da Insignia da Aguia; porém nem por isso deixo de professar, e seguir a Ley de JESU Christo, como verdadeiro Deos, observando os preceitos do Evangelho, sem que falte às obrigações da vida Militar, dando o que he de Cezar a Cezar, e o de Deos a Deos; mas com tal condição, que não encontrem as ordens Imperiaes aos preceitos Divinos. O Presidente lhe respondeo: logo esse vosso Christo foy mayor, que os nossos Cezares, e do que os nossos Principes? A que o valeroso Soldado resolutamente disse: por este Senhor a quem eu sigo reynão os Reys, e os vossos Cezares, não são dignos de lhe desatar a correa do çapato»<sup>48</sup>.*

Perante esta heróica resistência, Daciano «os mandou por no ecúleo, e com

<sup>45</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 523.

<sup>46</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 523.

<sup>47</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 523.

<sup>48</sup> SOUSA, D. António Caetano de – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1744, tomo IV, p. 272. Edição facsimilada de FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Porto: FLUP, 2002.

pentes de ferro despedaçar» e, posteriormente, degolar<sup>49</sup>.

No segundo filão, inclui-se o caso das relíquias do mártir São Sebastião, cuja memória se celebra a 20 de Janeiro, «que sendo soldado nobre, & valeroso, & por isso mui valido do Emperador Dioclesiano, que o fez Capitão da primeira cohorte (cargo que se não daua senão a fidalgos mui illustres) em secreto era Christão»<sup>50</sup>; quando o imperador descobriu a fé que o seu capitão professava, retirou-lhe todas as mercês que lhe havia feito e ordenou que fosse atado a um madeiro para ser sagitado. Como acentua Jorge Cardoso, «por este Sancto ser dos mais insignes Martyres da Igreja, & auogado da peste, a piedade Portuguesa não só lhe erigio templos, & consagrou altares, mas celebra sua festa com publicas procissões, dias de guarda, & maiores officios, tomandoo por Patrono contra aquelle riguroso mal, que por muitas vezes affligio este Reino; de cujas sagradas reliquias, & milagrosas imagens todo elle se vê gloriosamente enriquecido»<sup>51</sup>.

Jorge Cardoso inscreve também no seu catálogo o caso da cabeça do mártir São Gereão, general romano que Maximiano fez degolar à espada, juntamente com outros trezentos e dezoito soldados, conhecidos como os mártires da Legião Tebana, na cidade de Colónia Agripina (actual Colónia, na Alemanha), no século IV, que se contava entre as relíquias depositadas pela rainha D. Catarina no convento dos monges jerónimos de Vale Benfeito, em Peniche<sup>52</sup>. Esta relíquia foi oferecida à referida rainha pelo rei Fernando de Hungria, tendo sido, por seu intermédio, operados muitos milagres: todavia, pareceu à infanta D. Maria, filha de D. Manuel I e de sua terceira mulher, D. Leonor de Habsburgo, «que não estaua co a decencia deuida, em meio corpo de madeira estofado, o mandou fazer de prata, dourado por partes, com tal excellencia, & artificio, que he hũa marauilha, porque tem alguns agulheiros na superficie, por onde se vê o sagrado casco, & tocão Rosarios, & Medalhas os deuotos»<sup>53</sup>.

Jorge Cardoso apresenta ainda o caso de um mártir militar cujas relíquias se veneravam no reino português: o de São Jorge, «a quem a piedosa nação Portuguesa, reconhecida a tanto valor, & fortaleza celestial, cósagrou Templos, & levantou Colonias em todas idades, inuocandoo intercessor nas batalhas, & cõffictos militares (...) experimentando por seu meio innumeraueis vezes

<sup>49</sup> SOUSA, D. António Caetano de – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo IV, p. 272.

<sup>50</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 197.

<sup>51</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 198.

<sup>52</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo III, p. 5-6.

<sup>53</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo III, p. 6.

venturosos sucessos nas armas, como apregoão nossas antigas historias», principalmente na batalha de Aljubarrota, pois, em reconhecimento da vitória alcançada frente aos castelhanos, o condestável D. Nuno Álvares Pereira mandou construir, no meio do campo, uma igreja, consagrada à Virgem Maria e ao referido mártir<sup>54</sup>; sob o patrocínio de São Jorge, foi reedificado o castelo de Lisboa com o mesmo nome, por iniciativa de D. João I<sup>55</sup>, que ordenou também que «na solemne procissão do Corpo de Deos, fosse hũa pessoa a cauallo, vestida de armas brancas, com lança vibrada, i escudo embraçado, que representasse ao viuo o proprio Sancto, como vemos ainda hoje em todas cidades, & villas deste reino, có tanto aparato, & bizzarria»<sup>56</sup>.

### 3. 2. «Santos» medievais

Os exemplos de «santos» militares ou soldados medievais que respigámos ao longo do *Agiológico Lusitano* dizem respeito a personagens que exerceram a actividade bélica no contexto da Reconquista cristã da Península Ibérica<sup>57</sup>, nas batalhas contra os Inféis, em outros territórios europeus, ou no movimento das Cruzadas. Em qualquer uma destas situações, a prática guerreira é sempre considerada como justa e necessária e, por conseguinte, os actos «valerosos» dos «heróis» são percebidos como um indício da sua «santidade».

Um número muito significativo de «santos» militares medievais incluídos nos quatro tomos do *Agiológico Lusitano* inscreve-se na tipologia do «santo nobre», unindo, deste modo, santidade e nobreza de nascimento. Com efeito, esta tradição, que foi designada por André Vauchez como *beata stirps*<sup>58</sup>, devedora da ideia de que santidade e nobreza de nascimento estariam estreitamente ligadas, desenvolveu-se sobretudo ao longo da Alta Idade Média, devido ao aumento do prestígio da nobreza senhorial, e acabou por se tornar num *topos* hagiográfico. O exemplo mais antigo de «santo rei» que encontramos no *Agiológico Lusitano* é o de Vamba (†688), rei visigodo nascido em Egitânia, actual Idanha-a-Velha. Neste

<sup>54</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 683.

<sup>55</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 683.

<sup>56</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 683.

<sup>57</sup> Ainda que sobre um «santo» cavaleiro não incluído no *Agiológico Lusitano*, valerá a pena ler o estudo de PEREIRA, Armando Pereira de – *Guerra e santidade: o cavaleiro-mártir Henrique de Bona e a conquista cristã de Lisboa*. «Lusitania Sacra». Universidade Católica Portuguesa. 2ª série, vol. 17 (2005), p. 15-38.

<sup>58</sup> Cf. VAUCHEZ, André – «*Beata stirps*»: *sainteté et lignage en Occident aux XIII<sup>e</sup> et XII<sup>e</sup> siècles*. In *Famille et parenté dans l'Occident medieval. Actes du Colloque de Paris, 1974*. Org. de DUBY, Georges, LE GOFF, Jacques Rome: École Française de Rome, 1977, p. 397-407, e IDEM - *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge. D'après les process de canonization et les documents hagiographiques*. École Française de Rome, 1988, p. 185-287.

relato de tónica hagiográfica, Jorge Cardoso valoriza, sobretudo, o exercício da autoridade temporal por parte de Vamba que se conjuga harmoniosamente com os interesses da propagação e da ortodoxia do cristianismo, «erigindo muitas Igrejas em Cathedraes, diuidindo, & assignando limites certos a cada Bispado, que até seu tempo não estauão bem repartidos, mandado celebrar muitos Concilios, nos quaes (para reformação dos presentes abusos, & vniuersal vtilidade do estado Ecclesiastico) se estabelecerão muitos, & sanctos decretos, com que maravilhosamente se propagou em Hespanha a Fè Catholica»<sup>59</sup>. À semelhança de muitos outros varões «ilustres em virtude», o rei Vamba, após um período de enfermidade, «trocou o estado secular, pelo Ecclesiastico, querendo antes a vida monástica, que o sceptro, & coroa», recebendo a cógula da Ordem de São Bento, no mosteiro de Pampliega<sup>60</sup>.

Por sua vez, Liderico (†808), que, de acordo com Jorge Cardoso, foi o primeiro conde de Flandres, nasceu, segundo alguns autores, como Manuel Sueiro, em Lisboa<sup>61</sup>, sendo «illustrissimo per geração, & da primeira nobreza dos Godos»<sup>62</sup>. Devido ao facto de os seus pais se terem convertido à «impia seita de Mafamede», Liderico resolve abandonar a pátria e rumar em direcção «às partes do Norte», juntando-se ao exército de Carlos Martel, rei de França, em que «fez gloriosas proesas na guerra, ganhando dos inimigos muitas, & mui assinaladas victorias», que lhe granjearam os cargos de «Adiantado na terra, & Almirante do mar» do referido reino<sup>63</sup>. Liderico foi também bastante estimado pelo sucessor de Carlos Martel, o imperador Carlos Magno, que lhe fez doação dos «Estados de Flandes, para si & seus descendentes», que governou durante dezasseis anos, «com rara prudencia, & satisfação; liurandoos de muitos bandos de salteadores de que erão infestados; dando-lhes sanctissimas leis, & desterrando delles a todos os inféis, que não quizerão aceitar a Fé de Iesu Christo»<sup>64</sup>, edificando templos e consagrando altares à Virgem Maria, de quem era devotíssimo, assumindo, deste modo, um papel importantíssimo enquanto paladino da religião católica na Flandres, que lhe valeu o epíteto de *Malleus haereticorum*<sup>65</sup>. Parece-nos

<sup>59</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 198.

<sup>60</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 198-199.

<sup>61</sup> Opinião diferente encontramos em ÇAMALLOA, Estevan de Garibay y – *Compendio Historial de las Chronicas y Universal Historia de todos los Reynos de España*. Barcelona: por Sebastian de Cormellas, 1628, tomo II, p. 730, que afirma ser Liderico natural da provincia da Flandres.

<sup>62</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 58.

<sup>63</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 51.

<sup>64</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 51.

<sup>65</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal,*

também muito significativo que Jorge Cardoso, para comprovar e sustentar a *fama sanctitatis* do conde Liderico, inclua, no seu relato, o episódio relativo a um «prodígio raro, que foi aparecer dous annos antes [da sua morte] humna fermosa Cruz na Lua, em testemunho da Fé Catholica, que Lyderico promoveo naquelles Estados»<sup>66</sup>, mostrando, assim, que apesar das muitas reservas e críticas que o «maravilhosismo» e os milagres vinham suscitando, estas continuavam a ser duas dimensões cultivadas e exploradas pelos autores e apreciadas pelos leitores.

Entre os exemplos de nobres falecidos com *fama sanctitatis*, parece haver-se operado um certo tipo de evolução na percepção dessa excepcionalidade. Com efeito, se nos centrarmos nos casos de nobres medievais falecidos em «odor de santidade», estes são quase sempre homens ligados à carreira das armas, que aliam a sua bravura nos campos de batalha – e muito especialmente quando se trata de lutas contra os Infieis, entendidas enquanto «Guerra Santa» – ao esforço de evangelização do actual território português. É, por exemplo, o caso de D. Soeiro Mendes da Maia (†1163), «homem de tanto esforço, & reputação nas armas, que foi nomeado Frôteiro mór deste Reino pelo Conde D. Raymundo, genro delRei D. Afonso VI de Leão» e pelejou depois na «celebre batalha do Campo de Ourique, & noutras muitas contra Mouros, não leuando nunca a melhor delle, mostrando em todas a ousadia de seu animo, & o valor de seu braço», vivendo «no vltimo quartel da idade» «como o mais perfeito Monge, & retirado Anacoreta, mandandose enterrar fóra da Igreja, por humildade»<sup>67</sup>.

As guerras contra Castela, na sequência da crise de 1383-1385 e da aclamação do Mestre de Avis, D. João, como rei de Portugal, potenciaram a afirmação de um quadro que permitiu a notabilização de alguns «santos» militares.

Comecemos pelo caso de Pero Rodrigues de Moura, senhor de Azambuja e Rolins<sup>68</sup>, filho de Álvaro Gonçalves e Urraca Fernandes. O seu casamento com Teresa de Novais, filha de Rui Pereira o Bravo, primo coirmão de Álvaro Gonçalves, prior do Crato, pai do Condestável Nuno Álvares Pereira, aparentou-o às mais ilustres casas e famílias do reino, aproximando-o, deste modo, do caso de tantos outros «santos» nobres, em uma época em que santidade e nobreza constituíam duas esferas estritamente ligadas.

Segundo Jorge Cardoso, «foi pessoa nas armas de grande valor, & na virtude,

---

e suas conquistas. Ed. cit, tomo I, p. 58.

<sup>66</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 52.

<sup>67</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo III, p. 815-816.

<sup>68</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 226-228.

& religião muito maior, que o fizerão algum tanto retirado, perdendo muitos serviços, & merces dos Reis, que seus pães tinham de juro, & herdade, que se elle assi como soube imitar ao sancto Condestable em hũa destas cousas, o soubera em ambas, não deixara tam defraudada a casa, pois não erão incompatíveis a virtude, & o augmento»<sup>69</sup>. Efectivamente, Pero Rodrigues de Moura acompanhou D. Nuno Álvares Pereira em várias campanhas militares: todavia, «vendose impossibilitado por parte do matrimonio, de seguir as pizadas do Sancto Condestable na religião, se retirou da Corte com sua casa, & familia a viuer na ditta villa d'Azãbuja»<sup>70</sup>, onde «ordinariamente pousaua no mosteiro de S. Domingos de Lisboa, porque como tiuesse aprendido de seu capitão, não menos as regras da milícia, que as da virtude, ja toda sua conversação era com gente religiosa, & timorata, com quem conferia os negocios de sua consciencia, excedendo nos procedimentos, & costumes a todos nobres do reino, na piedade, & oração aos retirados anacoretas, mostrandose em todas suas acções verdadeiro espelho de perfeição»<sup>71</sup>. A sua *fama sanctitatis* seria corroborada, em 1416, quatro anos após a sua morte, quando se abriu a sua sepultura e «se achou o corpo (...) tam ileso, & inteiro, como hora, que alli fora sepultado (espacio grande para hum corpo humano se consumir, & gastar em qualquer parte, quanto mais naquela, que por demasiada humidade he mais apta para a corrupção)»<sup>72</sup>, ilustrando, de forma claríssima, como os fenómenos relacionados com o «corpo santo» assumiam uma função importantíssima no quadro de percepção da santidade<sup>73</sup>.

Um outro caso de santo nobre e cavaleiro é o de D. Nuno Álvares Pereira (†1431), Condestável do reino de Portugal, «tronco da Serenissima Casa de Bargaça» e «acerrimo flagelo de Castella, cuja soberba abateo nas gloriosas victorias, que muitas vezes (por fauor da Soberana Rainha dos Anjos) alcançou della, a quem inuocaua Intercessora, antes de entrar nas batalhas, dispondo-se para ellas, não só com jejuns, & disciplinas, mas com votos, & orações, attribuindo sempre a felicidade de suas armas (como Artur de Inglaterra) ao poderoso Senhor dos exércitos, como se vio em diversas ocasiões, principalmente na de Aljubarrota, na qual sentindose apertado, recorreo ao piedoso asylo de

<sup>69</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 235.

<sup>70</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 227-228. D. Pero Rodrigues de Moura era devotissimo de Nossa Senhora do Carmo; o seu corpo foi achado, largo tempo após a sua morte, incorrupto (cf. ed. cit., p. 228).

<sup>71</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 227.

<sup>72</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 228.

<sup>73</sup> Veja-se, a propósito, a importante síntese de GAJANO, Sofia Boesch – *La Santità*. Roma-Bari: Laterza, 1999, p. 19-24.

Maria Sanctissima»<sup>74</sup>.

Para além desta dimensão, Jorge Cardoso valoriza a entrada de D. Nuno Álvares Pereira na religião carmelitana, centrando, sobretudo, a sua atenção no rigor da sua vida ascética, no exercício das virtudes e nas práticas penitenciais e mortificatórias<sup>75</sup>.

Por sua vez, antes de optar pelo estado eclesiástico, o cardeal D. João Esteves (†1415) combateu, ao lado de D. João, Mestre de Avis, nas já referidas guerras de Portugal contra Castela, onde deu provas da sua bravura no serviço das armas<sup>76</sup>, assim como Mendo de Seabra (†século XV), que «foi hum dos insignes caualleiros de seu tempo, em cujo exercicio, se fez famoso pelas armas, com que grangeou a beneolencia, i estima do ditto Rei em paz, i em guerra, & nos mesmos faoures continuarão seus sucessores D. Duarte, & D. Afonso V»<sup>77</sup>, tornando-o num «aluo da inueja» dos «cortezões»<sup>78</sup>. Contudo, Mendo de Seabra resolveu dar «as costas ao mundo, & a todas suas priuanças, & faoueres», adoptando, assim, uma postura consentânea com a concepção do *contemptus mundi*: com efeito, recolheu-se «ao seguro porto da vida solitária, fundando hum Oratorio junto a Setuual», sendo, mais tarde, «eleito Maioral» dos Eremitas de Serra d'Ossa e «Gouernador de todos os que auia daquela familia entre Tejo, & Odiana»<sup>79</sup>. De facto, este relato biográfico de Mendo de Seabra ilustra bem como, em Portugal, nos finais da Idade Média, a vida eremítica acabou mesmo por fascinar certos sectores da nobreza de corte<sup>80</sup>, reflectindo, assim, de certo modo, o sucesso que este tipo de santidade vinha conhecendo desde largo tempo<sup>81</sup>.

Por outro lado, encontrámos um muito significativo número de «santos»

<sup>74</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo III, p. 199.

<sup>75</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo III, p. 199-202.

<sup>76</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 237.

<sup>77</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 237.

<sup>78</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 237.

<sup>79</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 237.

<sup>80</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Entre a corte e o ermo: reformismo e radicalismo religioso (fins do século XIV-século XVI)*. In *História Religiosa de Portugal*. Direcção de Carlos Moreira de Azevedo. Lisboa: Temas & Debates, 2004, vol. I, p. 492-495, e IDEM – *D. Jaime, duque de Bragança: entre a cortina e a vidraça*. In *O Tempo de Vasco da Gama*. Direcção de CURTO, Diogo Ramada. Lisboa: Difel, 1998, p. 325-329. Cf. também SUSI, Eugenio – *L'Eremita Cortese: San Galgano fra mito e storia nell'agiografia toscana del XII secolo*. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1993.

<sup>81</sup> Uma leitura atenta dos quatro tomos do *Agiológico Lusitano* permitir-nos-á, de facto, verificar a presença de um número bastante considerável de eremitas, sobretudo medievais, entre o conjunto dos varões «ilustres em virtude» e falecidos em «odor de santidade».

que, antes de tomarem o estado religioso ou eclesiástico, notabilizaram-se na carreira das armas, o que parece evidenciar uma certa «sacralização» da prática guerreira.

Tomemos como exemplo o caso do beato Sesnando, bispo do Porto e cónego regular, natural da Gasconha, que veio para a Península Ibérica para participar na Reconquista cristã: de acordo com Jorge Cardoso, ajudou os cristãos a recuperarem a referida cidade, que se encontrava sob o domínio árabe<sup>82</sup>.

Por sua vez, o infante D. Pedro Afonso (†1169), filho bastardo do conde D. Henrique de Borgonha e monge no mosteiro de Alcobça, foi, de acordo com Jorge Cardoso, um incansável e valeroso militar, combatendo ao lado de seu meio-irmão, D. Afonso Henriques, e obrando «estupendas façanhas», como se comprovou aquando da conquista de Santarém<sup>83</sup>. O extenso relato de pendor hagiográfico que Jorge Cardoso nos disponibiliza sobre o infante D. Pedro Afonso torna-se ainda mais significativo se tivermos em conta a curiosa referência à cerveja bendita por São Bernardo e oferecida aquando da visita que aquele e outros cavaleiros portugueses fizeram à abadia de Claraval:

*sabendo que S. Bernardo estaua indisposto, [D. Pedro Afonso] persuadiu a todos o fossem visitar, aos quaes o Sancto recebeo com muita alegria, & na pratica trabalhou grandemente, para que deixassem o exercicio da milícia temporal, & seguissem a spiritual, mas como todos erão mancebos solteiros, amigos de ganhar honra, & fama pelas armas, não dêrão per ora ouuidos a seus conselhos. O Sancto então os brindou com hum vaso de cerueja, bendita poe elle, & foi ella de tanta efficacia, que todos os que a prouârão, mudarão tarde, ou cedo de vida, & acabarão em Religião*<sup>84</sup>.

Um outro caso relativo a um militar que abandonou a vida no século para ingressar na religião é o do venerável Fr. Pedro Melgar (†1516), fundador da Província da Piedade. Conta-nos Jorge Cardoso que este varão «inclinou-se de tenra idade ao exercicio bellico, & nelle se ocupou alguns annos, mostrando nas ocasiões estremado valor, & intrépido animo, como se vio claramente nas competências, que ouue em seu tempo, entre Castella, & Portugal, cerca da Beltraneja, porque seruiu a elRei D. Fernando o Catholico, com demonstraçoens de fidelidade, ganhando-se por sua industria a Villa de Alcochete, tres legoas de

<sup>82</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 291.

<sup>83</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo III, p. 131.

<sup>84</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo III, p. 132.

Lisboa»<sup>85</sup>.

Como já mostrou António Pestana de Vasconcelos, o *Agiológico Lusitano* ostenta alguns casos de «santos» pertencentes a ordens militares<sup>86</sup>. Neste conjunto de freires e cavaleiros «santos», parece-nos que valerá a pena evocar o exemplo do beato D. Garcia Martins (†1306), da Ordem de Malta, que «por suas heroicas proesas na guerra, & virtudes na paz», foi nomeado «Bailio, & graó Commendador, não sômente em Portugal, mas em outros quatro Reinos de Hespanha»<sup>87</sup>. D. Garcia Martins foi sepultado na igreja do convento da Ordem de Malta, em Leça do Bailio e, à semelhança de outros varões falecidos em odor de santidade, também o seu «sancto corpo» «foi por largo tempo, com grande frequência, & deuoção vesitado, & venerado dos fiéis»<sup>88</sup>, sendo-lhe atribuídos inúmeros milagres. Efectivamente, desde a Antiguidade, os corpos de santos<sup>89</sup> (e de «varões e senhoras ilustres em virtude») eram objecto de grande veneração<sup>90</sup>, sendo as suas relíquias consideradas testemunhos da presença divina que, por seu intermédio, operava milagres e, como tal, a eles atraía um grande número de fiéis. Mas importa notar que, neste contexto de veneração do «corpo santo», os extraordinários fenómenos manifestados pelos cadáveres assumem uma importância fundamental no quadro da percepção pública da «santidade», continuando a seduzir e a atrair muitos fiéis, como muitos relatos o testemunham. No caso concreto do «beato» D. Garcia Martins, cuja sepultura, trezentos anos após a sua morte, foi aberta, encontrou-se o seu corpo inteiro,

<sup>85</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo III, p. 429.

<sup>86</sup> VASCONCELOS, António Pestana de – *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus». Porto: CIUHE. Vol. 3 (1996), p. 69-80.

<sup>87</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 2.

<sup>88</sup> Conta-nos Jorge Cardoso que «a Infante D. Phelippa, filha do Infante D. Pedro, & neta del Rei D. Ioão o I indo em romagem a Sã-tiago de Galliza, foi tambem visitar as reliquias deste S. Caualleiro, acompanhada de muita nobreza, & da maior parte dos Prelados do Reino, & alli com deuoção se deteeu huma nouena, por causa de hum celebre milagre, que o Sancto obrou neste tempo em hum aleijado, de que se passarão autênticos instrumentos» (*Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo I, p. 7).

<sup>89</sup> Para compreendermos esta prática, no contexto religioso e cultural de Setecentos, é imprescindível ler de DÁVILA Y TOLEDO, Sancho – *De la veneracion que se deve a los cuerpos delos Sanctos y a sus Reliquias y de la singular con que se a adorar el cuerpo de Jesu Christo nuestro Señor en el Sanctissimo Sacramento*. Madrid: por Luis Sanchez, 1611. Veja-se também: CANETTI, Luigi – *Frammenti di eternità. Corpi e reliquie tra Antichità e Medioevo*. Roma: Viella, 2002, esp. cap. I: *Corpi insepolti e corpi gloriosi*, p. 23-75, e cap. II: *La città dei vivi e la città dei morti*, p. 77-104; CURTO, Diogo Ramada – *Vinte seis cabeças de santos*. In *Cultura Política no tempo dos Filipes (1580-1640)*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 95-106; SANTOS CAPELÃO, Rosa Maria dos – *El culto de reliquias en Portugal en los siglos XVI-XVII. Contexto, norma, funciones y simbolismo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. Tese de doutoramento em História, esp. p. 305-317.

<sup>90</sup> GAJANO, Sofia Boesch – *Reliques et pouvoirs*. In *Les reliques. Objets, cultes, symboles (Actes du colloque international de l'Université du Littoral-Côte d'Opale (Boulogne-sur-Mer)*. Ed. de BOZÓKY, Edina; HELVÉTIUS, Anne-Marie. Brepols Publishers, 1999, p. 260.

com suavíssimo cheiro, «mas armado caualleiro cõ o manto roçagante da Ordem» e com a barba e as unhas crescidas<sup>91</sup>.

### 3. 3. «Santos» modernos

Este constitui o conjunto mais numeroso de «santos» militares incluídos no *Agiologio Lusitano*. Esta realidade dever-se-á, certamente, à menor distância cronológica que separa a sua vivência da época em que escreveram os autores, mas também ao facto de, visto constituírem exemplos mais recentes, poderem talvez suscitar mais admiração e um maior desejo de imitação por parte dos leitores coevos, tanto mais que, à época em que Jorge Cardoso vai editando os três primeiros tomos do *Agiologio*, o reino português via-se «embrenhado» em várias frentes bélicas, não só nas guerras da Restauração e em conflitos no Oriente, como também nos mares, na medida em que os navios portugueses eram frequentemente alvo de ataques de piratas e de corsários.

Antes de abraçar a religião, com o hábito da Ordem dos Mínimos, Fr. João do Porto (†1570) foi, no século, um dos «valerosos Capitães» do rei D. Manuel I<sup>92</sup>. Jorge Cardoso menciona também o caso do irmão João Ordonhez (†1605), natural de Castela-a-Velha, que, no século, foi «homem de importância, Alferes em Flandes, & grande soldado»<sup>93</sup>.

Fr. João de Ataíde (†1595), filho de Luís Gonçalves de Ataíde, filho este de Simão Gonçalves da Câmara e de D. Isabel da Silva de Ataíde – e, portanto, parente de D. Luís de Ataíde, conde de Atouguia – e de D. Violante da Silva, antes de abandonar o século e abraçar o estado religioso, tomado o hábito franciscano, deu mostras de grande valor, no exercício das armas, no Oriente, quando o seu tio foi vice-rei da Índia<sup>94</sup>. Após a morte deste, recolheu-se no mosteiro da Madre de Deus de Goa, onde professou e «apartado das perturbações do seculo, viuia quieto, procurando com todas suas forças contentar ao Creador»<sup>95</sup>. Contudo, a requerimento do seu pai, D. João de Ataíde foi forçado a abandonar a Índia e a

<sup>91</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo III, p. 8.

<sup>92</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 109.

<sup>93</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 171.

<sup>94</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 190. No relato das circunstâncias em que ocorreu o nascimento de D. João de Ataíde, Jorge Cardoso envolve-o em uma aura de predestinação divina, recorrendo, deste modo, a um dos tópicos mais comuns na hagiografia: com efeito, conta-nos que estando D. Violante da Silva «prenhe, assistindo à Missa (no ponto, que o Sacerdote leuantaua a sagrada Hostia) pario ao seruo de Deos, certo presagio de sua futura sanctidade» (ibidem, p. 190).

<sup>95</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo I, p. 190.

vir para Portugal, onde se recolheu no convento de São Francisco de Lisboa, da Província da Arrábida.

O contexto oriental seiscentista, marcado por inúmeros conflitos, aos mais diversos níveis, potenciou a emergência de uma série de «santos» militares portugueses, sendo alguns deles mártires. Um desses casos foi o do capitão Luís Monteiro, martirizado com alguns companheiros, em Achém<sup>96</sup>. Natural de Lamego, o capitão Luís Monteiro destacou-se, sobretudo, no exercício das armas no Oriente, nomeadamente em Chaul e em Damão, tendo, posteriormente, sido general de «hũa grossa armada do Sul, onde an. 1583 depois de pelear porfiadamente com os Achês, dando hũa balla no paiol, se desfez o petrechado baxel nũ asopro»; o militar acabaria por se salvar a nado, mas foi feito prisioneiro e levado perante o rei Rajamanacor. A partir desta parte, o relato retoma o já referido modelo narrativo característico da literatura martirológica: o tirano persuade o cristão a renunciar à sua religião, oferecendo-lhe, em contrapartida, «fauores, & promessas»; este recusa e, conseqüentemente, «o idolatra tyranno», vendo «que nada bastaua para derrubar sua fortaleza, exposto então na bocca de hũa bombarda, & feito balla della, lhe derão fogo, voando seu inuëciuel spiritu com horrendo estródo, por entre espessas nuues, no carro de suas chamas, ao ceo triumphante»<sup>97</sup>.

Um outro exemplo de mártir militar é o de Filipe de Brito de Nicote (†1613), capitão-mor de Pegu, na Ásia Menor, e «famoso Argonauta». Nascido em Lisboa, Filipe de Brito de Nicote era filho de «nobres paes», a saber, Jules Nicot (ou Júlio de Nicote), francês que «veio a este reino em tempo da Rainha Dona Catharina, com o Embaixador D. João de Nicote, seu irmão, & disse que ainda erão parentes da Casa real de França», e Marquesa de Brito, filha de Filipe de Brito, camareiro do infante D. Duarte e da princesa D. Maria Manuela, futura mulher de Filipe II, e neta de Lopo de Brito, presidente do senado de Lisboa<sup>98</sup>. Aos dez anos, partiu para a Índia, «onde dandose à mercancia, veio pelo tempo adiante a possuir numerosas embarcações com perto de quatrocentos mil cruzados em fazenda»<sup>99</sup>; aí casaria com D. Luísa de Saldanha, filha natural do vice-rei Aires de Saldanha, «de que ouue a Marcos de Britto, que estando (por mandado de seu pai) reformando a Christandade de Bengala, seguindo as

<sup>96</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 290-291. O seu martírio foi celebrado pelo poema heróico *Malaca Conquistada*, de Francisco de Sá de Meneses.

<sup>97</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 290-291.

<sup>98</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 377.

<sup>99</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 369.

ordões del Rei de Portugal, morreo às mãos do de Arracam no Pegù»<sup>100</sup>. Filipe de Brito de Nicote notabilizou-se no exercício das armas, acompanhando «o rei de Arracam em todas as guerras do Pegu», que lhe granjearam o governo e o senhorio deste reino: esta situação foi aproveitada pelo herói para propagar a fé cristã por aqueles domínios, como nos conta Jorge Cardoso:

*Vendose Felippe de Britto cõ o que desejaua, & que por esta via se faria grande sementeira Euangelica, fez logo Fortaleza em Syrião, porto maritimo na costa do mesmo reino», travando guerras com os reinos circunvizinhos, ao longo de doze anos, e «obrigando a muitos Reis admitirem nossa sancta Fè, & darem vassalagem ao de Portugal; adquirindo (por sua industria) muitos milhões, que liberal distribuio em obras de piedade, & seruiço desta Coroa; posto que acompanhado sempre da sombra da inueja, que dos Vice-reis da India lhe negaua o fauor, com tudo não lhe pode tirar a desgraça (...) o premio da fama neste mundo, nem a palma do triumpho no outro»<sup>101</sup>.*

Com efeito, o capitão Nicote foi feito prisioneiro, na sequência da guerra de Tangú, em que o rei de Brama sitiou a fortaleza portuguesa, que o obrigou a renegar a fé católica, se queria escapar com vida, ao que aquele respondeu: «*Nôs os Christãos (...) não adoramos mais que ao Creador do ceo, & da terra, & a seu Vnigenito Filho, que com o precioso sangue de suas veas redemio o género humano, pelo que estamos dispostos a dar por elle a vida, & mil se tiueramos»*<sup>102</sup>. Perante a contumácia de Filipe de Brito de Nicote, o tirano «o mandou empalãr em hũ agudo pao na terra fixo, que atravessado pela inferior parte do corpo lhe veio sair à cabeça; cujo atrocíssimo tormento soffreo com inaudita constancia»<sup>103</sup>, estando ainda durante um dia vivo no patíbulo e «ficando depois de morto tam rosado, olhos abertos, & tam viuos, que todos julgauão que o estaua», evidenciando, assim, o seu cadáver extraordinários fenómenos que, tradicionalmente, eram associados ao «corpo santo» e que, no quadro da percepção pública da «santidade», seduziam e atraíam muitos fiéis, como muitos relatos o testemunham<sup>104</sup>. Jorge

<sup>100</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 377.

<sup>101</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 370.

<sup>102</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 371.

<sup>103</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 371.

<sup>104</sup> Ao enumerar sinais exteriores de santidade, VAUCHEZ, André - *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. Rome: École Française de Rome, 1988, p. 509-511, refere os fenómenos luminosos como um dos tipos mais frequentes. O

Cardoso enumera ainda outros fenómenos, percebidos pelos coevos como milagres post mortem, que funcionam, no contexto da economia narrativa, como indícios que sustentam a fama de santidade do capitão Nicote:

*Não consentio o Rei que d'alli o tirassem para a sepultura, durante mui largo tempo sem corrupção, nem perda de còr, do que seus inimigos viuião maravillhados, & muito mais de não ser tocado seu cadauer das aues de rapina, em lugar das quaes mandaua o ceo sobre elle brilhantes resplandores. E no fim de quarenta dias, que com estes milagrosos sinaes era visto de todos, foi furtado dos Pegus por ordê dos Portuguezes, & sepultado em lugar secreto, & appellidado d'elles pelo seu Sancto*<sup>105</sup>.

Um outro exemplo de «santo» militar incluído no *Agiológico Lusitano* é o do capitão António Galvão (†1577), a quem Jorge Cardoso confere o epíteto de «Apóstolo das Malucas»<sup>106</sup>. Nascido na Índia, António Galvão era filho bastardo de Duarte Galvão, «homem mui versado nas letras humanas», a quem o rei D. Manuel I encomendou a redacção da *Crónica de D. Afonso Henriques*. Devido à fama dos seus valerosos feitos, o vice-rei Nuno da Cunha ordenou-lhe, em 1536, que passasse às ilhas Molucas, cuja capitania «governou christãmente com felices sucessos na paz, & na guerra até o [ano] de 1540»<sup>107</sup>. Neste sentido, a inclusão de António Galvão na galeria de «santos» do reino português e «suas conquistas» justifica-se pelo facto de as suas façanhas se enquadrarem no contexto evangelizador, no Oriente, durante o século XVI, e, como tal de «guerra justa»: com efeito, o ilustre militar, «chegado às Malucas, fez esclarecida a nação Portuguesa, não só co as milagrosas victorias, que (ajudado do ceo) alcançou dos inimigos de Deos, mas co a multitude de gentios, e mouros, que trouxe a N. S. Fé, florescendo naquelas partes a Christandade grandemente em seu tempo»<sup>108</sup>.

---

mesmo autor afirma que «parmi les signes qui révèlent l'existence d'une *virtus* chez un saint, de son vivant, les plus évidents sont ceux qui concernent son apparence physique. L'impression produite par la vue de certains personnages semble avoir joué un rôle important dans la naissance de leur *fama sanctitatis*. De façon générale le visage était considéré comme le reflet de l'âme: on pouvait y lire les vertus des saints et le simple fait de le contempler suffisait souvent à convertir les coeurs les plus endurcis» (*La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. Ob. cit., p. 508). Veja-se também, a propósito, LE GOFF, Jacques – *Observações sobre corpo e ideologia no Ocidente Medieval*. In *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 59-62.

<sup>105</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 372.

<sup>106</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 140.

<sup>107</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 140.

<sup>108</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 130.

À semelhança de outros varões «ilustres em virtude» apresentados no *Agiológico*, também António Galvão, ainda que vivendo no estado secular, «dispunhase com orações, penitencias, esmolos, jejuns, & outras obras pias, antes que entrasse nas batalhas, ou empreendesse semelhantes acções, como fez quando ouue de acometer aos quatro Reis coligados na ilha de Tidore, que com 120 Portuguezes sómente, & 230 naturaes, venceo, & desbaratou em suas próprias terras»<sup>109</sup>. O seu zelo evangelizador parece ter sido, efectivamente, o móbil que norteava as suas acções no Oriente: neste sentido, para que muitos jovens indígenas que foram convertidos ao cristianismo e batizados continuassem a perseverar na fé católica, «ordenou com grande despeza sua hum Seminario (o primeiro que ouue no Oriente) para serem nelle doutrinados»<sup>110</sup>.

O exemplo de António Galvão aproxima-se, assim, do ideal de *contemptus mundi*<sup>111</sup>, pois, segundo o autor, «tudo em prejuízo seu, porque leuando consigo cabedal a Maluco, que valia dez mil, de contratos, empréstimos, & ordenados, que cobrou, gastou todos, não em jogos, ou juntar pessas ricas, mas em trazer muitos Reis com poucos innumeraeis á Igreja Catholica»<sup>112</sup>. Vendo-se em uma situação de inegável pobreza, o capitão recolheu-se, «como pedinte», ao hospital, onde residiu durante dezassete anos, «occupádose em tratar dos corpos dos enfermos, & incurauéis»<sup>113</sup>. Mas é importante notar que pelo discurso de Jorge Cardoso perpassa também um tom de crítica ao rei D. João III e aos seus «mal informados» ministros – rol a que poderíamos acrescentar D. Sebastião –, na medida em que estes nunca responderam favoravelmente aos rogos do heróico capitão, que, em virtude dos seus feitos, pedia uma tença que lhe permitisse garantir a sua sobrevivência<sup>114</sup>. António Galvão viria para Lisboa, onde acabaria por falecer «pobríssimo» e «miseraelmente», em 1577, «deixando dous mil cruzados de diuidas, parte que trouxe da India, parte que amigos lhe prestarão»<sup>115</sup>.

O governador da Índia André Furtado de Mendonça (†1610), por antonomásia o *Grão Capitão*, é um dos militares que maior atenção recebeu

<sup>109</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 130.

<sup>110</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit, tomo II, p. 132.

<sup>111</sup> Para uma visão global da questão do *contemptus mundi*, veja-se DELUMEAU, Jean – *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIII-XVIII siècles)*. Paris: Fayard, 1983, esp. p. 15-40.

<sup>112</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 132.

<sup>113</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 132.

<sup>114</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 133.

<sup>115</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 140.

por parte de Jorge Cardoso: efectivamente, o autor, desde logo, o compara a Judas Macabeu, «porque se este desbaratou exercitos, destruiu cidades alheas, defendeo as proprias, habateo a soberba de Reis, amedroutou inimigos, hõrou a patria, i encheo o Vniuerso de sua fama, adquirindo para si nome gloriosíssimo; aquelle nada menos, afugẽtou exercitos, venceo armadas, conquistou cidades, assolou reinos, sopeou inimigos, auassalou rebeldes, & triumphou de Reis, arriscando muitas vezes a vida pela defenza do estado Oriental, & augmento da Fè Catholica, zelando sempre o bem cõmum, & a verdade, desprezando os perigos, & riquezas, alcaçãdo no mẽdo gloria sempiterna»<sup>116</sup>. Filho de Afonso Furtado, comendador de Borba e de Rio Maior, ambas da Ordem de Avis, e de D. Joana Pereira, André Furtado de Mendonça começou por servir a pátria aos dezasseis anos, «passando a primeira vez com elRei D. Sebastião a Africa, d'onde (parece) lhe ficou a inexausta sede, que tinha de derramar sangue Mauritano, & o entranhuel odio contra inimigos da Fè, que o acompanhou toda a vida»<sup>117</sup>: efectivamente, por todo o relato escrito por Jorge Cardoso, perpassa a ideia de que o *Grão Capitão*, ao contrário de muitos outros nobres que passaram à Índia, com o propósito de alcançaram poder e riquezas, principalmente através da mercancia, norteava as suas acções sobretudo com o intuito de dilatar a fé cristã e aniquilar os inimigos de Cristo, conferindo a esta prática um sentido de guerra justa, porque necessária. Esta moldura poderá ser tanto ou mais significativa se tivermos em conta que, alguns anos mais tarde, o agostiniano Fr. António Freire encontraria, entre os «curiosos livros» de Jorge Furtado de Mendonça, sobrinho de D. Afonso Furtado de Mendonça, arcebispo de Lisboa, e primo de André Furtado de Mendonça<sup>118</sup>, uma obra anónima e manuscrita intitulada *Primor e Honra da Vida Soldadesca no Estado da Índia* – que veria a luz do prelo, em 1630<sup>119</sup>, pela mão do religioso da Ordem de Santo Agostinho –, na qual se defende o ideal evangelizador e um «exército forte, disciplinado e ordenado que combata os inimigos da fé e imponha pelo primor das armas a honra dos

<sup>116</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 578.

<sup>117</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*. Ed. cit., tomo II, p. 578.

<sup>118</sup> Jorge Furtado de Mendonça era filho de Martim de Castro do Rio, II senhor de Barbacena, e de D. Margarida de Noronha e Mendonça, filha esta de Jorge Furtado de Mendonça, comendador das Estradas e Represas, e de D. Mécia Henriques e, portanto, irmã de D. Afonso Furtado de Mendonça, que foi bispo da Guarda e de Coimbra e arcebispo de Lisboa. O avô materno de Jorge Furtado de Mendonça, que tinha o mesmo nome do neto, era filho de António Furtado de Mendonça, que, por sua vez, era filho de Jorge Furtado de Mendonça e de sua segunda mulher, D. Maria de Sousa (filha do mordomo-mor da rainha D. Leonor, mulher de D. João II), e, portanto, irmão de Afonso Furtado de Mendonça, pai do governador André Furtado de Mendonça. Cf. GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras – *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Braga: Pax, 1940, tomo XX, p. 45-46.

<sup>119</sup> Lisboa: por Jorge Rodrigues.

Portugueses no Oriente»<sup>120</sup>. Na «Dedicatória», Fr. António Freire justifica a necessidade de dar este texto à estampa através dos seguintes argumentos:

*E assi comunicando eu a mesma lição (pela haver achado tal) a homens de grande juízo, erudição e autoridade, me quizeram persuadir, a que pois dera esta mina, de tão boa e necessária doutrina no tempo presente, assi para todos os que professam a milícia, como em particular para os que têm algum mando e governo nela, fizesse que todos dela se aproveitassem, tratando de tirar à luz este livro: porque inda que a matéria dele por ser de guerra não era de religioso (rezão com que eu deste cuidado me escusava), de letrado religioso era ministrar saudável, e conveniente pasto das almas a todo o estado e que nisso prosseguiria os intentos do bem comum, que noutras impressões minhas tivera*<sup>121</sup>.

4. Por tudo isto, a questão que nos propusemos abordar neste estudo parece-nos sugerir algumas reflexões.

Por um lado, a inclusão de um significativo número de «santos» militares no *Agiológico Lusitano* reflecte a perenidade do prestígio que acompanhava este modelo hagiográfico, envolto em uma certa aura de «sacralização» da prática bélica. Este quadro mostra também que, a par dos modelos mais tradicionalmente conotados coma santidade, ou seja, o dos mártires, das virgens ou dos religiosos, foram emergindo alguns casos de «santos leigos», como os de alguns militares, reflectindo, deste modo, as recomposições religiosas, políticas e sociais que foram, paulatinamente, metamorfoseando as representações de santidade, face à concepção doutrinariamente generalizada, desde a Idade Média e ainda nos começos do século XVI, da preeminência da vida religiosa sobre a vida laical<sup>122</sup>. Tendo em conta que, nos tempos pós-Trento, o mimetismo dos modelos propostos pela hagiografia e pela biografia devota assume um ponto culminante, no âmbito do processo de redefinição sofrido pela «santidade» e de disciplinamento imposto a todas as esferas da sociedade, estes casos apresentados neste monumental catálogo de personagens «ilustres em virtude» e em «santidade» poderiam suscitar, dado o seu carácter exemplar, o desejo de imitação por parte dos leitores e, sobretudo, daqueles que, por estes tempos, seguiam a carreira das armas. Por outro lado, valerá a pena ter em conta,

<sup>120</sup> *Primor e Honra da Vida Soldadesca no Estado da Índia (anónimo do séc. XVI)*. Edição atualizada, introdução e elucidário de PEREIRA, Laura Monteiro. Ericcira: Mar de Letras Editora, s/d., p. 41.

<sup>121</sup> *Primor e Honra da Vida Soldadesca no Estado da Índia (anónimo do séc. XVI)*. Ed. cit., «Dedicatória», p. 73-74.

<sup>122</sup> VAUCHEZ, André – *Les laïcs au Moyen Age. Pratiques et expériences religieuses*. Paris: Éditions du Cerf, 1987; BARONE, Giulia – *Nuove proposte per nuovi ceti*. In *Modelli di santità e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità*. A cura di BARONE, Giulia; CAFFIERO, Marina; BARCELLONA, Francesco Scorza. Torino: Rosenberg & Sellier, 1994, p. 143-147.

como já mostrou Norman Housley, que, por toda a Europa, o acto sacrificial de morrer por Deus e pela pátria traduziu-se num fenómeno de «patriotismo santificado», que substituiu o ideal de cruzada<sup>123</sup>. De facto, não só as guerras da Restauração, como também os diversos conflitos que tiveram como palco o Brasil e o Oriente, potenciaram oportunidades várias para que muitos portugueses morressem em prol da pátria e da fé cristã.

Não deixa também de ser muito significativo o facto de Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa não terem incluído nenhum caso de mulheres «ilustres em armas» nos quatro tomos do *Agiológico Lusitano*<sup>124</sup>, o que parece representar ou testemunhar, como sublinhou Maria de Lurdes Correia Fernandes, «uma grande resistência, pelo menos de certos sectores culturais da época, em olhar a mulher fora do quadro doutrinário da vida religiosa ou da vida matrimonial»<sup>125</sup>. Com efeito, como já realçou a mesma autora, «em Portugal, só o século XVIII repôs com clareza esta dimensão», como o testemunha a edição de obras como o *Portugal ilustrado pelo sexo feminino. Notícia histórica de muitas heroínas portuguesas que floresceram em virtude, letras e armas* (1734), de Diogo Manuel Aires de Azevedo, e o *Theatro Heroino, abecedário histórico e catálogo de mulheres ilustres em armas, letras, acções heróicas e artes literárias* (1736 e 1740), de Damião de Froes Perim<sup>126</sup>, mas será talvez importante lembrar que uma obra seiscentista, que se inscreve no filão histórico-geográfico, a saber, a *Descrição do Reino de Portugal* (1610), de Duarte Nunes de Leão, incluía já alguns casos de mulheres que se distinguiram no exercício das armas ou em práticas guerreiras<sup>127</sup>. Este

<sup>123</sup> HOUSLEY, Norman (1998) – *Pro Deo et patria mori: le patriotisme sanctifié en Europe, 1400-1600. In Guerre et concurrence entre les États européens du XIV<sup>e</sup> au XVIII<sup>e</sup> siècle. Sous la direction de CONTAMINE, Philippe. Paris: PUF, 1998, p. 269-303.* Como sublinha o mesmo autor, «Parce qu'il était au service de l'État, le patriotisme sanctifié possédait un potentiel actif qu'avait perdu la croisade, car la croissance de la capacité à faire la guerre de l'État européen à cette période offre un contraste instructif avec le déclin qui frappait la pratique de la croisade. Dans une certaine mesure, ce dernier fut causé par la revendication par l'État de ce qui était, en pratique, un monopole du contrôle des ressources de ses sujets, et puisque ce contrôle était lié à la croissance du sentiment national, les deux procès étaient indirectement liés. Il est possible d'aller plus loin et d'énoncer l'hypothèse d'une tendance naturelle des hommes de l'époque à rechercher une conjonction entre guerre et religion, ce qui signifie que l'État, par le biais du patriotisme sanctifié, apportait ce que le mouvement des croisades n'était plus capable d'offrir» (ob. cit., p. 302). Todavia, DE WITTE, Charles-Martial – *Un projet portugais de reconquête de la Terre Sainte (1505-1507). In Congresso Internacional de História dos Descobrimientos. Actas.* Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961, Vol. V, I Parte, p. 419-449, lembrou que, pelos anos 1505-1507, D. Manuel I, em virtude do bloqueio económico do Egipto e do desvio do comércio das especiarias, planeou uma reconquista de Jerusalém, o que motivou a viagem de Fr. Henrique de Coimbra (O.F.M.) a Inglaterra, para solicitar o apoio de Henrique VIII.

<sup>124</sup> O mesmo acontece para as letras.

<sup>125</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *Introdução.* In ANJOS, Fr. Luís dos – *Jardim de Portugal.* Porto: Campo das Letras, 1999, p. 26.

<sup>126</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *Introdução.* In ANJOS, Fr. Luís dos – *Jardim de Portugal.* Ed. cit. p. 26.

<sup>127</sup> SILVA, Maria Regina Tavares da – *Heroínas da Expansão e Descobrimientos.* Lisboa: Comissão da Condição Feminina, 1989, recolheu alguns casos de mulheres portuguesas ilustres em armas.

facto poderá ser tanto mais significativo se tivermos em conta que, em Portugal, durante a Época Moderna, nunca foi editada nenhuma «Vida» de Joana d'Arc, a mais célebre «santa guerreira», ao contrário do que se verificou em Espanha, onde foi editado um romance cavaleiresco, de contornos hagiográficos, sobre a sua vida, dedicado à rainha Isabel, a Católica<sup>128</sup>. Mas esta realidade poder-se-á dever ao facto de, como já sublinhou Romeo De Maio, uma guerreira representar «el reverso moral de la mujer: (...) estaba (...) contra las Sagradas Escrituras, según las explicaciones de Nicola de Lyra en un libro corriente en las bibliotecas del Renacimiento»<sup>129</sup>. Todavia, no século XVI, assistiu-se, na literatura e na iconografia, a um ressurgimento do tema da *virgo bellatrix*, que se desdobra em duas variantes: a da donzela guerreira, que, por circunstâncias diversas, enverga a indumentária de cavaleiro e, encobrendo o seu género, pratica a milícia<sup>130</sup>, e a da figura mitológica da amazona, ou seja, a guerreira por natureza e educação e inicialmente andrófoba<sup>131</sup>, que, por esta época, revela uma clara sintonia com o contexto político: como realçou Éliane Viennot, para o caso francês, «à partir du milieu du XVIe siècle, (...) les Amazones et leurs consoeurs demeurent des figures incontournables des listes vantant les grandeurs des femmes, aux côtés d'autres reines ou d'autres guerrières célèbres. À la fin du siècle, les guerres de religion commencent à faire du mot amazone un terme générique désignant les femmes engagées dans des actions militaire d'éclat, quelle que soit leur classe sociale»<sup>132</sup>. Neste sentido, como já acentuou Romeo De Maio, a «milícia» feminina era, por estes tempos, a castidade<sup>133</sup>. Esta realidade parece reflectir a continuidade de uma tendência que vinha, desde a Antiguidade, marcando o contexto da percepção da santidade e da produção hagiográfica: a (re)valorização

<sup>128</sup> LOBATO OSORIO, Lucila – La Poncella de Francia: *la doncella-caballero y su relación con Isabel I de Castilla*. «Signos Literarios». Vol. 9 (2009), p. 55-74. De acordo com esta autora, «la receptora inicial de la obra comparte algunos rasgos con la protagonista: su sexo y aparente debilidad, el conflicto de enfrentarse a un reino desolado por los invasores y, particularmente, la misión que tienen de legitimar un trono, y con ello la monarquía» (art. cit., p. 65). Sobre esta rainha, veja-se de RUBIN, Nancy – *Isabel, a Católica (1451-1504)*. Tradução de MENEZES, Salvato Telles de. Lisboa: Bertrand Editora, 2005.

<sup>129</sup> DE MAIO, Romeo – *La mujer en la biografía*. In *Mujer y Renacimiento*. Madrid: Mondadori, 1988, p. 157-195, esp. p. 143.

<sup>130</sup> Sobre o *topos*, importado da novela bizantina, das santas travestidas, veja-se de SERRA, Pedro – *Santas que foram monges: cross-dressing feminino, máquina celibatária, genealogia da hagioidatadura*. «Estudios Portugueses. Revista de Filologia Portuguesa». Vol. 6 (2006), p. 75-103.

<sup>131</sup> MARÍN PINA, María Carmen – *Aproximación al tema de la Virgo Bellatrix en los libros de caballerías españoles*. «Críticón». Vol. 45 (1989), p. 81-94.

<sup>132</sup> VIENNOT, Éliane – *Les Amazones dans le débat sur la participation des femmes au pouvoir à la Renaissance*. In *Réalité et représentations des Amazones*. Dir. de LEDUC, Guyonne. Paris: L'Harmattan, 2008, p. 1. Disponível em <<http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00423097>>. [Consulta realizada em 23/08/2013]. Veja-se também de VERRIER, Frédérique – *Les Amazones: des phobies masculines aux rêves de femmes...* «L'abotatoire italien». Vol. 2 (2001), p. 151-171. Disponível em <<http://laboratoireitalien.revues.org/287>>; DOI : 10.4000/laboratoireitalien.287>. [Consulta realizada em 23/08/2013].

<sup>133</sup> DE MAIO, Romeo – *La mujer en la biografía*. Ob. cit, p. 146.

da virtude da castidade feminina, na linha de São Paulo e dos Padres da Igreja e a sua proposta, enquanto modelo de comportamento ideal, para todos os estados femininos. De facto, as décadas pós-tridentinas testemunharam o esforço de reafirmação da superioridade do celibato religioso e clerical, considerados «estados de perfeição», o que influenciou, efectivamente, a recuperação de vários exemplos de mártires antigas e altomedievais<sup>134</sup>. Por outro lado, não deixa de ser curioso notar como algumas narrativas hagiográficas produzidas em pleno século XVIII continuam a valorizar o domínio do maravilhoso e a devoção em torno de relíquias, imagens e santuários. Como sublinhou Maria de Lurdes Correia Fernandes, «esta continuidade de gostos é tanto mais significativa quanto a viragem do século XVII para o século XVIII é muitas vezes olhada como um momento determinante da afirmação do ‘racionalismo’ e como um tempo que determinou a mudança de rumo da cultura religiosa e política. E, contudo, essa mesma época que assistiu ao crescendo das desconfianças em relação a muitas fontes hagiográficas foi também a mesma pela qual passou o forte investimento na escrita ou reescrita, na edição ou reedição de vidas de santos e de muita gente virtuosa»<sup>135</sup>.

De todos os casos evocados, apenas o de D. Nuno Álvares Pereira teve um desfecho positivo, na medida em que os processos que correram para a sua beatificação e canonização, que culminaram em 1918 e 2009, respectivamente, oficializaram o seu culto e a sua subida aos altares. Mas, em todo o caso, parece-nos que a escrita e a divulgação de «Vidas» destes «santos» militares, no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, terão sempre que ser compreendidas num contexto marcado pela tentativa de construção de uma história da «santidade» territorial portuguesa e pelo equilíbrio entre o disciplinamento e a modelização de comportamentos e atitudes, impostos pela ofensiva contrarreformística, por meio do exercício das virtudes teológicas e cardeais, de práticas espirituais e devotas e da ortodoxia da fé, propostas através dos altos exemplos veiculados, e o entretenimento dos leitores, numa tentativa de alimentação do seu gosto pelo maravilhoso e pelo heroísmo, procurando convencê-los de que a perfeição cristã, que asseguraria a salvação eterna, era algo acessível a todos os fiéis e possível em todos os estados.

---

<sup>134</sup> Para o caso espanhol, veja-se VINCENT-CASSY, Cécile – *Les Saintes Vierges et Martyres dans l’Espagne du XVII<sup>e</sup> siècle. Culte et Image*. Madrid: Casa de Velásquez, 2011.  
<sup>135</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *O Agiologio Lusitano: encontros e compromissos da literatura hagiográfica e da história religiosa*. Ed. cit., p. 37.

MENDES, Paula Almeida

Milícia e «Santidade» no *agiologio lusitano dos santos, e varoens illustres em virtude do reino de portugal, e suas conquistas*(1652,1657,1666,1744) de Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa

VS 20 (2013), p.91 - 119